

D. A. CARSON

QUANDO JESUS
CONFRONTA
O MUNDO

EXPOSIÇÃO DE
MATEUS 8-10



VIDA NOVA



Sumário

| | |
|---|-----|
| <i>Prefácio</i> | 9 |
| 1. A AUTORIDADE DE JESUS (8.1-17)..... | 11 |
| 2. O JESUS AUTÊNTICO (8.18-34)..... | 35 |
| 3. A MISSÃO DE JESUS (9.1-17)..... | 59 |
| 4. A CONFIABILIDADE DE JESUS (9.18-34)..... | 83 |
| 5. A COMPAIXÃO DE JESUS (9.35—10.15) | 101 |
| 6. O FATOR DE DIVISÃO DE JESUS (10.16-42) | 123 |



Prefácio

Meus pais nasceram no Reino Unido: minha mãe, em Cockney, e meu pai entrou neste mundo nos arredores de Belfast. Por providência de Deus, passei vários anos na Inglaterra fazendo minha pesquisa de doutorado e, no fim desse período, casei-me com uma inglesa. Graças ao generoso sistema de licença de estudos e período sabático da Trinity Evangelical Divinity School, continuei retornando para Cambridge com frequência, atraído pelas instalações igualmente excelentes da Tyndale House e da Biblioteca da Universidade.

Entretanto, uma das coisas que mais torna Cambridge atraente para nossa família é a ligação com a Eden Baptist Church. De certa forma, essa é a nossa igreja de coração. Nossa família tem uma dívida de gratidão com os irmãos e irmãs daquela igreja que remonta a mais de quinze anos. Então, quando soubemos que estávamos voltando para Cambridge para o ano acadêmico de 1986–1987, e recebemos o convite para usar as primeiras seis semanas do meu ano sabático preenchendo o púlpito da Eden enquanto seu pastor, o dr. Roy Clements, terminava o próprio período sabático, não tive como negar, e fiquei honrado em substituí-lo.

De qualquer forma, eu já era pastor muito antes de começar a buscar as formas mais acadêmicas de servir; e estou profundamente convencido de que aqueles cujo privilégio e responsabilidade seja estudar as Escrituras Sagradas

devem à igreja toda ajuda que possam dar em âmbito popular, além da responsabilidade de produzir obras que tentem influenciar mestres e estudiosos. Se o propósito do meu período sabático era completar uma concordância sintática para o Novo Testamento grego, precisava também haver espaço para algo que servisse à igreja de maneira mais imediata.

A primeira vez que expus os capítulos do Novo Testamento analisados neste pequeno livro, Mateus 8—10, foi há quinze anos, durante meu ministério pastoral na Costa Oeste do Canadá. Nesse intervalo, escrevi um comentário completo sobre Mateus (publicado em português por Shedd Publicações sob o título *O comentário de Mateus*); espero que minha compreensão do texto seja mais firme agora do que da primeira vez que preguei sobre esses capítulos. Como já analisei as questões críticas e interpretativas em certa profundidade naquele comentário, evitei levantar tais questões aqui e, pelo mesmo motivo, não incluí bibliografia e notas. De qualquer forma, o sermão não é lugar para transmitir esse tipo de informação. Porém, ao comparar o comentário com essa exposição, estudantes e seminaristas podem obter uma visão de como tentar passar da exegese detalhada para a exposição da Palavra de Deus.

Os capítulos neste livro, então, são sermões que passaram por uma reestruturação para que saíssem impressos. Nem todos os traços do sermão foram removidos. Em particular, a aplicação das Escrituras que caracteriza toda a pregação útil foi mantida; todavia, várias formas adequadas ao púlpito passaram por uma metamorfose para se adequarem ao ensaio escrito. Algumas vezes acrescentei um pouco mais de explicações ou outros detalhes além dos permitidos pelas limitações do sermão.

Gostaria de agradecer à Baker Book House por acrescentar este livro à série de exposições já publicada por eles. Nem toda editora está disposta a publicar sermões, quer reformulados, quer não. E o fato de terem feito isso testifica que estão conscientes de uma das grandes necessidades da igreja: a necessidade de ler a Bíblia de forma que haja tanto a compreensão do que o texto está dizendo de verdade quanto a aplicação de forma adequada e íntima à nossa própria vida e ao mundo que nos cerca. Se perdermos o primeiro desses dois polos, nunca ouviremos a Palavra de Deus; se perdermos o segundo, a Palavra nunca encantarà nem constrangerá a vida das pessoas.

Se este livro contribuir, mesmo que só um pouco, para satisfazer essa necessidade, serei grato a Deus.

Soli Deo gloria.

D. A. CARSON
Trinity Evangelical Divinity School

A autoridade de Jesus

¹Quando ele desceu do monte, grandes multidões o seguiram.

²Um leproso chegou e se ajoelhou diante dele, dizendo: “Senhor, se quiseres, podes purificar-me”.

³Jesus estendeu sua mão e tocou o homem. “Quero”, disse ele. “Seja purificado!”. Imediatamente ele foi curado de sua lepra.

⁴Então Jesus lhe disse: “Olhe, não conte isso a ninguém. Mas vá, mostre-se ao sacerdote e apresente a oferta que Moisés ordenou, como um testemunho diante deles”.

⁵Quando Jesus entrou em Cafarnaum, um centurião veio a ele, pedindo-lhe ajuda. ⁶E disse: “Senhor, meu servo está em casa paralítico e em terrível sofrimento”.

⁷Jesus lhe disse: “Eu irei curá-lo”.

⁸O centurião respondeu: “Senhor, não mereço te receber debaixo do meu teto. Mas dize apenas uma palavra, e meu servo será curado. ⁹Pois eu também sou homem sujeito à autoridade e com soldados sob meu comando. Digo a um: ‘Vá’, e ele vai; e a outro: ‘Venha’, e ele vem. Digo a meu servo: ‘Faça isso’, e ele faz”.

¹⁰Quando Jesus ouviu isso, admirou-se e disse aos que o seguiam: “Digo a vocês a verdade: não encontrei em Israel ninguém com tamanha fé.”

¹¹Eu digo que muitos virão do Oriente e do Ocidente e se sentarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino do céu.

¹²Mas os súditos do reino serão lançados para fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes”.

¹³Então Jesus disse ao centurião: “Vá! Assim como você creu, acontecerá”. E seu servo foi curado na mesma hora.

¹⁴Entrando Jesus na casa de Pedro, viu a sogra deste de cama, com febre.

¹⁵Ele tocou a mão dela e a febre a deixou, e ela se levantou e começou a servi-lo.

¹⁶Ao anoitecer, muitos endemoninhados foram trazidos a ele, e expulsou os espíritos com uma palavra e curou todos os doentes. ¹⁷Isso aconteceu para cumprir o que fora dito pelo profeta Isaías:

*“Ele tomou sobre si nossas enfermidades
e sobre si levou nossas doenças”.*

Introdução

Certos confrontos despertam inevitavelmente a expectativa de que haverá uma explosão. A mídia sabe bem disso, é claro; e é por isso que, sempre que entrevistam um representante de uma ou outra posição, quase invariavelmente tentam encontrar um coadjuvante, um representante da outra posição, que seja diametralmente oposta à primeira. O objetivo, claro, é colocar as duas posições em confronto, sabendo que a explosão resultante é boa para o noticiário.

I. O princípio pode ser compreendido intuitivamente. Pegue um marxista profundamente comprometido e um capitalista assumido e peça a cada um para explicar para um auditório os motivos das altas taxas de desemprego na Inglaterra — e qual será o resultado? Não será apenas um lado culpando a história do bem-estar social e a falta de incentivo, enquanto o outro aponta a estratificação econômica e social da sociedade britânica, mas essa troca pode gerar acusações e contra-acusações emotivas e empolgadas. Abandone um ateu militante e um fundamentalista zeloso em uma ilha deserta por algumas semanas, ou coloque uma câmera de TV diante de uma feminista ardente e um chauvinista revolucionário, e você obterá o mesmo resultado. O confronto desperta expectativas de uma explosão, ou, pelo menos, de um encontro extremamente revelador.

Podemos esperar algo similar quando Jesus confronta o mundo. Uso a palavra *mundo* em seu sentido teológico mais amplo — a ordem moral criada, em rebelião contra o Deus Criador. Na Bíblia, esse sentido de “mundo” é muito favorecido por João. Por exemplo, ele nos adverte: “Não amem o mundo nem o que nele há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo — os desejos do pecador, a cobiça de seus olhos e a ostentação do que

ele tem e faz — não provém do Pai, mas do mundo. O mundo e os seus desejos passam, mas aquele que faz a vontade de Deus vive para sempre” (1Jo 2.15-17). Quando Jesus confronta o mundo, nesse sentido de “mundo”, podemos esperar algum tipo de explosão; pois Jesus e o mundo são muito diferentes, abertamente opostos em seu propósito, caráter, valores e objetivos. O mundo é essencialmente autocentrado; Jesus não veio para ser servido, mas para servir, e dar a sua vida em resgate por muitos (Mt 20.28). O mundo está em rebelião ativa contra Deus; Jesus sempre faz o que agrada a seu Pai (Jo 8.29). O mundo (como acabamos de ver na citação de João) é limitado ao tempo e provisório; mas não Jesus, ou seu reino, ou quem faz sua vontade. O mundo precisa de salvação, e Jesus veio para salvar seu povo dos seus pecados (Mt 1.21); o mundo precisa de juízo, e Jesus é o Filho do Homem que vem quando menos se espera e passa o mundo todo em escrutínio (Mt 24.36—25.46). Jesus e o mundo certamente entrarão em conflito.

Esse é um dos motivos pelos quais mesmo as pessoas mais próximas de Jesus durante seus dias na terra levaram muito tempo para compreendê-lo: eles estavam muito mais ligados ao mundo do que conseguiam compreender, eram tão participantes do mundo que não entendiam a natureza do confronto que estava acontecendo. Assim, quando Pedro, em Mateus 16, confessa que Jesus é o Messias, ele o faz apenas porque o Pai assim o revelou: parece que a implicação disso é que, se não fosse tal revelação, Pedro não teria sido capaz de chegar a essa conclusão. E imediatamente depois de sua grande confissão, Pedro, confundindo a explicação de Jesus sobre esse fato com um elogio, acha que está em posição de corrigir Jesus quanto à natureza de sua missão e recebe uma reprimenda: “Para trás de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim; não tem em mente as coisas de Deus, mas as coisas dos homens” (Mt 16.23). Pedro estava muito mais ligado ao mundo do que pensava estar.

Da mesma forma, os homens e mulheres de hoje nem sempre reconhecem a natureza do confronto entre Jesus e o mundo, justamente porque estão ligados muito mais profundamente ao mundo do que pensam estar. Muitas pessoas, é claro, admitem abertamente que não têm nenhuma relação com Jesus; já outros acreditam merecer um lugar muito alto no esquema moral das coisas e, portanto, acham que estão fundamentalmente ligados a Jesus, que são “cristãos”, mesmo que não sejam, digamos, frequentadores de igreja. Essas pessoas nem começaram a compreender o abismo que as separa de Jesus; quando se colocam sobre elas as exigências e demandas do Jesus bíblico, elas se ofendem e vão embora